

REVISTA DAS QUESTÕES

Para além do inverno  
sem fim:  
Uma entrevista com  
Nick Srnicek

(Tradução de Rafael Moscardi)



Esta entrevista foi inicialmente concebida para ser impressa e acompanhar a curso de outono “Grammar of the Postcontemporary”, que ocorreu com a participação de Nick Srnicek, porém foi publicada mais tarde no *Logos Journal* (vol. 28, n. 2, 2018), em russo. Além de servir como uma introdução ao que se convencionou chamar de teoria aceleracionista, expondo vários de seus desdobramentos e limites, essa entrevista, publicada pela primeira vez em inglês na *&&& Journal*, revista da *The New Centre*, é agora traduzida pela primeira vez ao português, por Rafael Moscardi, para integrar este volume da *Revista Das Questões*. Ao longo da discussão, Srnicek toca em diversos pontos-chave sobre aceleracionismo, realismo especulativo, a natureza do capitalismo contemporâneo e possibilidades de abertura tecnológica.

### **Artem Gureev: Podemos começar perguntando: o que é aceleracionismo?**

Nick Srnicek: O termo “aceleracionismo” não era tão conhecido quando eu e Alex Williams escrevemos o *#Accelerate Manifesto*. Tinha sido empregado por Benjamin Noys quando ele postulou uma filosofia centrada na negatividade contra a “afirmação aceleracionista” que ele observava em pensadores como Deleuze e Guattari. No entanto, a maneira como Alex e eu empregamos o termo fazia parte de um projeto bastante marxista, no sentido de que o capitalismo não deveria ser visto como algo a ser destruído e revertido, mas sim que no capitalismo se constroem as bases para o pós-capitalismo, para a superação do sistema capitalista. Essa ideia simples era o que eu e Alex entendíamos como aceleracionismo. Em termos mais concretos, isso significava explorar como a utilização de uma nova tecnologia podia ser ferramenta de emancipação ao invés de ferramenta de controle, buscando maneiras de construir um mundo de abundância e experimentação para além dos limites impostos por uma sociedade capitalista. Nesse sentido, acabamos crescentemente focados em tecnologia, pensando sobre o que realmente significa ser humano, tentando fugir de ideias essencialistas sobre a categoria do humano e integrando a isso tudo ideias recentes sobre inteligência artificial, o papel da razão e da racionalidade coletiva. Efetivamente, nosso projeto pretendia formular visões pós-humanas e pós-capitalistas de futuro.

**AG: Você acabou de mencionar uma influência marxista. Já que um dos pilares dessa tradição é o materialismo dialético, como a dialética enquanto método e paradigma de pensamento impacta o aceleracionismo? Em que medida o conceito de razão não-fundacionalista e evolucionista tem espaço nesse movimento? Brandom, em especial, tem atraído bastante atenção recentemente.**

NS: Bem, minha opinião sobre a dialética foi filtrada pela minha formação deleuzeana: eu via a dialética como um instrumento impreciso para tentar compreender a natureza do desenvolvimento, sendo portanto necessária uma visão materialista muito mais sutil, de devir não-dialético. Penso que essa perspectiva tinha uma grande influência em mim e no Alex enquanto trabalhávamos no aceleracionismo; nós temos esse plano de fundo comum que informou implicitamente muito da imagem mental que tínhamos sobre a transformação social. Desde então, acabei entrando mais em contato com a dialética, em parte através dos trabalhos de Ray Brassier e Reza Negarestani, mas também por ter me interessado mais pelo potencial de discussões marxistas sobre a forma-valor. Em relação a Ray e Reza, penso que um dos projetos deles é repensar a dialética usando Brandom e Sellars, que nos deram ferramentas muito mais sofisticadas para entender a dinâmica e as complexidades de processos de racionalização e as maneiras como essas ferramentas conceituais interagem com a realidade. Filosoficamente, os projetos de Ray e Reza estão entre as coisas mais criativas e interessantes acontecendo agora.

**AG: Talvez algo como uma dialética “criativa” que conceitualmente permita a emergência do novo ao invés de um determinismo?**

NS: Sim, consigo pensar em algo nesses termos – e isso se alinha bem com as concepções deleuzeanas também.

**AG: O aceleracionismo parece se dividir em duas correntes: de esquerda e de direita. Há algum princípio ontológico que pode ser usado para distingui-los, talvez relacionado à tecnologia?**

NS: Para ser sincero, não tenho certeza se essa distinção entre um aceleracionismo de esquerda e um de direita faça sentido, já que esta pressupõe alguma base comum entre eles, uma decisão político-filosófica de escolha entre ambos. É nesse sentido que o termo “aceleracionismo” se tornou inútil, podendo significar qualquer coisa para qualquer um. Eu não vejo perguntas, provocações ou descobertas interessantes que venham dessa ideia de um projeto aceleracionista comum que se ramifica entre direita e esquerda. No entanto, quando as pessoas mencionam aceleracionismo de direita elas estão se referindo a Nick Land (não tenho certeza se existem outros “aceleracionistas de direita”?) e pensando no seu trabalho dos anos 90 (e devo admitir que li muito pouco de seus trabalhos mais recentes). Acredito que Ray (Brassier) formulou o que considero a crítica definitiva do projeto de Land alguns anos atrás – apesar de ser um projeto estética e intelectualmente fértil, ele colide com uma série de contradições lógicas e práticas ao eclipsar a questão da representação. É esse tipo de análise que fez com que Ray se distanciasse do materialismo eliminativo e se aproximasse do raciocínio normativo, o que fez com que muitos de nós repensássemos o papel da razão. A partir do momento em que você

reconhece as contradições internas do projeto do materialismo eliminativo, você é forçado a se confrontar com questões bastante complexas que são frequentemente deixadas de lado. De maneira mais geral, penso o projeto de Land nos anos 90 enquanto uma tentativa de se ontologizar o triunfo histórico do capitalismo sobre a URSS. Essa ideia, no entanto, assim como muitas dos anos 90, parece datada quando encarada da nossa perspectiva atual. Longe de ser uma máquina dinâmica, o capitalismo cada vez mais é definido por estagnação e decrepitude.

**AG: Para expandir nesse sentido: o aceleracionismo critica o capitalismo por não ser produtivo o suficiente, não conseguir ser um agente absolutamente desterritorializador. Nesse sentido, (o aceleracionismo) se preocupa apenas com coisas materiais como tecnologias ou também com entidades abstratas como, por exemplo, espaços sociais?**

NS: Para mim, a tecnologia não pode ser separada das estruturas sociais que a envolvem e parte disso é, novamente, a tese marxista clássica de que as relações de produção acabam por confinar o potencial das forças de produção. Isso me parece uma ótima descrição daquilo que acontece hoje em dia. O capitalismo chegou a um ponto no qual ele não consegue desenvolver as forças de produção de maneira significativa. Desafiando qualquer concepção de que o capitalismo apresenta algum tipo de força dinâmica infinita: por que todos os indicadores globais do capitalismo têm crescido cada vez menos desde os anos 70? PIB, produtividade do trabalho, produtividade total dos fatores, criação de patentes, salários, lucros, etc., todos estão desacelerando. A era neoliberal tem sido terrível para o capitalismo até mesmo quando analisada em seus próprios termos.

**AG: Podemos dizer que existem “Eventos” (no sentido empregado por Badiou) possíveis/visíveis acontecendo na esfera tecnológica que abrem potenciais para o futuro, mesmo em um cenário marcado por estagnação?**

NS: Hesito em empregar o termo “evento”, em parte porque ele tende a uma visão política que é bastante messiânica. Além disso, esse termo arrisca um certo culto àquilo que não pode ser descrito e que passa a ser considerado como algo dotado de um valor em si – um posicionamento que em minha opinião pode ter consequências terríveis tanto historicamente quanto filosoficamente. No entanto, se nos distanciarmos desse termo, acredito que existem mudanças significativas acontecendo com coisas como *machine learning* e alguns esforços na direção da criação de formas mais gerais de inteligência artificial (I.A.). O problema aqui, no entanto, não é o perigo de que criemos uma I.A. que, como algum tipo de Exterminador do Futuro, domine o mundo e decida destruir a humanidade (o que remete a uma crença bastante antropocêntrica de que uma IA super-humana se importaria o suficiente conosco para querer nos eliminar).

Acredito que a maior ameaça é o monopólio do uso de I.A. e como ela pode concentrar poder político e econômico. O que tem acontecido agora é a consolidação da concentração do controle dessas inteligências artificiais nas mãos de poucas empresas que possuem os recursos, os dados e o *expertise* para construir inteligências artificiais de ponta. Este é um problema bastante realista com o qual deveríamos nos preocupar. Em todo caso, a pesquisa em I.A. ainda é altamente limitada, apesar de apresentar resultados que parecem “mágicos” de tempos em tempos. As I.A.s que temos agora, por exemplo,



são muito boas em realizar tarefas singulares para as quais foram treinadas mas tendem a falhar quando tentamos movê-las para uma tarefa diferente. Nós temos também uma técnica básica – a retropropagação –, que apesar de ter existido por décadas só está sendo explorada em tudo que pode oferecer agora, com resultados ainda pouco satisfatórios.

Se olhamos para a internet industrial, por exemplo, vemos a Siemens e a GE tendo dificuldades em transferir sucesso de uma indústria para a outra. As técnicas de I.A. modernas ainda não permitem esse tipo de transferência. O mesmo ocorre com smartphones e aplicativos – parece que exaurimos seu impacto, já que os desenvolvimentos e substituições anuais fazem cada vez menos diferença para o mundo no geral. Acredito que algo similar pode acontecer com as tecnologias de *machine learning*, e é bastante possível que vejamos outro “inverno” para as tecnologias de I.A.

**AG: Talvez nós devêssemos retornar a Nick Land. Você chegou a dizer uma vez que ele é “anos 90 demais”. Esse parece ser um tema, mais do que um incidente, quando olhamos para a ascensão de movimentos “retrofuturistas”. Como podemos escapar disso conceitualmente?**

NS: No geral, não conseguimos escapar do passado. Quando estamos tentando imaginar um futuro ou uma utopia, nós acabamos sempre usando as ferramentas, ideias e conceitos do passado – temos um arsenal de elementos na nossa frente e tentamos construir algo novo a partir dele. A resposta empirista básica ao pensamento utópico é de que é impossível imaginar algo que não tenha sido experimentado. O que eu penso que é perdido nessa resposta empirista é que a imaginação é um

exercício de recombinar elementos já conhecidos de maneiras únicas; devemos, portanto, imaginar o futuro nesse sentido, em vez de pensar que podemos imaginar o futuro do nada. Nesse caso, acredito que algum retrofuturismo é inevitável.

**AG: Tendo esses processos de reimaginação do futuro em vista, o que podemos dizer sobre ficção científica, em especial sobre o crescente interesse acadêmico nesse gênero literário?**

NS: Me parece que o ressurgimento do interesse em ficção científica recentemente é fruto de um maior interesse no futuro como um todo. Não penso que seja algo surpreendente que isso tenha ocorrido no pós-2008. Antes da crise financeira, havia um diagnóstico geral – na esquerda e na direita – de que o capitalismo neoliberal era pelo menos um sistema bastante estável que cresceria rápido o suficiente para conseguir atenuar qualquer crítica ou revolta que pudesse surgir.

O colapso da “bolha da internet” no início dos anos 2000 não desacelerou a economia de nenhuma maneira significativa – era como se o neoliberalismo tivesse realmente superado o ciclo entre crescimento e crise. Em 2008, tudo isso se desmancha, e dez anos mais tarde ainda temos uma situação na qual ninguém sabe como recomençar o processo de acumulação capitalista. A hegemonia neoliberal foi realmente quebrada – primeiro no âmbito materialista e agora, crescentemente, nas esferas sociais e políticas. Esses fenômenos reabrem a questão do futuro de uma maneira que não tinha sido realmente colocada desde a queda da URSS. A aparência do capitalismo global na virada do século, enquanto um sistema intransponível, já não existe mais. Penso que o crescimento do interesse acadêmico – e não acredito que seja apenas acadêmico, já que

temos mais ficção científica sendo escrita no geral – é indicativo do momento histórico em que nos encontramos.

**AG: Depois de mencionar certos escritores e movimentos intelectuais, como você relacionaria movimentos emergentes que aparecem no *Accelerationist Reader*, como o prometeísmo ou o inumanismo, com o aceleracionismo? Eles englobam um ao outro?**

NS: Talvez seja melhor pensá-los não enquanto movimentos, mas enquanto decisões conceituais sobre diversos problemas comuns que baseiam temas a serem explorados e aprofundados. Por exemplo, quando Ray fala sobre prometeísmo, ele está se referindo à crença política e filosófica de que não existem circunstâncias dadas, imutáveis – não existe um transcendental que não pode ser alterado, e a partir disso diversos movimentos conceituais e práticos podem ser realizados.

Uma disposição similar pode ser encontrada na ênfase que Alex e eu colocamos em pensar o que significa o “pós-trabalho”. O projeto de erradicar o trabalho assalariado é baseado em uma análise estratégica de que o capitalismo necessita e naturaliza a figura do trabalhador assalariado. Longe de ser um movimento meramente desterritorializante, o capitalismo é baseado na reprodução de uma estrutura de classe bastante restritiva que determina os limites do que significa ser humano. No capitalismo, temos uma imagem restritiva do que é o humano, pensar um projeto “pós-trabalho” é um passo na direção do esfacelamento dessas limitações.

**AG: Também me parece que, pelo menos ideologicamente, esses projetos têm vários eixos em comum com o Iluminismo. Você acredita que eles de alguma maneira tentam reviver algumas dessas ideias?**

NS: Sim, porém de uma maneira bastante particular. A noção básica Iluminista de progresso através da razão definitivamente tem um papel fundamental. Um problema, porém, é que o conceito de razão originalmente implicava um certo conceito de sujeito: imparcial, descorporificado, mas implicitamente branco, masculino, detentor de propriedade. Inúmeros críticos, pós-coloniais e pós-estruturalistas, criticaram com razão essas pressuposições. Isso não significa que devemos abrir mão da ideia de racionalidade nem da ideia de progresso conceitual; significa apenas que devemos questionar e complexificar o que esses elementos podem significar. Isso é em parte o que me interessa no trabalho de pessoas como Reza (Negarestani), que tentam trabalhar com algumas ideias do Iluminismo, o papel da razão e o progresso racional, porém o fazem tendo em conta as críticas já feitas a esse movimento. Portanto, reabilitar o Iluminismo é uma tarefa importante, mas que deve ser realizada tendo em mente as críticas já feitas a ele.

**AG: Um dos conceitos que nascem da crítica do Iluminismo é o conceito de alienação, talvez um dos mais importantes. Como esse conceito se encaixa no Aceleracionismo e em outras correntes teóricas contemporâneas? O Xenofeminismo, por exemplo, confere centralidade ao conceito de alienação chegando a descrevê-lo como uma força motora.**

NS: Para nós, eu diria que a alienação começa com a negação

de qualquer identidade autêntica. Nesse sentido, subjetividade é alienação, e o processo de determinar o que significa ser humano é um processo de alienação contínua. Alienação não é algum estado anormal de existência, mas o processo básico através do qual construímos a categoria do humano.

**AG: O manifesto aceleracionista defende a viabilidade de práticas políticas tanto horizontais quanto verticais. Como isso aparece em exemplos particulares?**

NS: Tanto o manifesto quanto o nosso livro *Inventing the Future* foram escritos em grande parte enquanto respostas ao Occupy Wall Street (OWS). Isso nasceu de nossa experiência de ter visto o movimento se espalhar pelo mundo e ter visto que a ênfase constante na horizontalidade do OWS levou à rejeição de qualquer tipo de verticalidade (vale notar que essa era a retórica do movimento, mas na prática haviam algumas exceções a isso). Isso também levou a vários problemas, culminando no colapso e fracasso desses movimentos em trazerem de fato alguma mudança significativa. Portanto, quando falamos da necessidade de superar o limite do puro horizontalismo, eram as experiências e lições que tirávamos do OWS.

Agora, em termos do que pode ser uma alternativa, eu diria que vimos vários experimentos nesse sentido desde a queda do OWS. O Podemos é um bom exemplo de organização, um partido vertical combinado com círculos comuns horizontais que podem interagir e gerar *feedbacks* na estrutura vertical. Há uma troca interessante acontecendo na maneira como esses dois sistemas interagem que não pode ser descrita nem em termos de uma hierarquia tradicional nem em termos de um movimento horizontalizado comum.

Outro exemplo seria o Momentum aqui no Reino Unido. Você tem o partido trabalhista, que é mais ou menos hierárquico e mesmo assim englobava vários elementos horizontais no seu início. Com o Momentum, observamos algo ainda mais peculiar: um sistema que permite ação espontânea de pessoas no final dessa hierarquia. Isso permite uma organização horizontal ao mesmo tempo que alimenta um sistema vertical de uma maneira que tem sido bastante produtiva se considerarmos o que foi atingido nas últimas eleições gerais. Penso que estes são exemplos interessantes dos quais podemos aprender (devo enfatizar que os vejo como experimentos dos quais podemos aprender e não modelos a serem copiados). Você não consegue categorizá-los em termos clássicos na divisão entre horizontal e vertical.

É essa ideia que eu e Alex estávamos tentando discutir: que a divisão rígida entre horizontal/vertical está aprisionando as nossas imaginações sobre o que é possível, a ênfase constante em um polo ou outro acaba terminando em problemas práticos insolúveis. Eu acho que a falha do OWS e de movimentos similares tem levado muitas pessoas a começarem a pensar para além dessas categorias.

**AG: Isso tem algo a ver com teorias sobre cibernética?**

NS: Talvez... Eu sou um pouco cético quanto a certos abusos da categoria “cibernética”. Frequentemente, a palavra se torna apenas um termo “da moda” para rotular algo que poderia ser descrito de uma maneira mais simples e mais profunda.

**AG: Em termos de comunicação, então: Ray Brassier afirmou uma vez que a internet não é um “meio apropriado**

**para um sério debate filosófico". Na sua opinião, talvez isso descreva o estado de todo o sistema de comunicação da internet em geral?**

NS: Eu acho que a internet é um ótimo meio de discussão nas condições certas (uma afirmação válida para qualquer meio de comunicação). Uma das principais diferenças entre discussões na internet e discussões em outros lugares é que muitas vezes existe uma audiência online imaginada. O que acontece é que você acaba escrevendo não para aprender algo, nem necessariamente para se envolver com uma ideia, nem questionar algo ou questionar a si mesmo, mas sim enquanto uma performance voltada a esse público específico. Isso é extremamente prejudicial para qualquer tipo de discussão fértil – leva a um jogo de tentar agradar a esse público imaginário, no qual likes e retweets se tornam a medida principal do sucesso de algo.

Por esse motivo, não penso que o Facebook ou o Twitter sejam locais de discussões relevantes. Isso não significa que essas redes sociais não são úteis de outras maneiras, já que política não é apenas sobre discussões racionais (por exemplo, o que é muitas vezes ridicularizado em *threads* no Twitter me parece muitas das vezes uma maneira dos “fracos” utilizarem vergonha contra os fortes). Ter consciência desses limites explica a (por vezes engraçada) frustração que pessoas bastante sérias encontram quando tentam ter discussões racionais online, e isso é algo que deve ser levado em conta para qualquer uso político efetivo dessas redes sociais.

Os blogs, por sua vez, tiveram um momento de utilidade no desenvolvimento de ideias conjuntas. No seu início, eram pequenas comunidades de pessoas que olhavam para processos de discussão sem encará-los como provas de onisciência ou

de superioridade. Era um espaço no qual erros eram permitidos abertamente e no qual ideias provisórias eram testadas, o que garantia uma certa humildade epistêmica nesse exercício. Esses aspectos hoje desapareceram do olhar público em sua maioria, mas na minha experiência isso se deu por que eles foram recriados de maneiras mais privadas. Em vez de um blog público no qual todos podem comentar, as pessoas usam WhatsApp, Slack ou até mesmo o G+ para construir comunidades intelectuais menores e mais privadas.

**AG: Você diria que a internet pública deve ser reapropriada? Seu passado me parece muito menos mercantilizado e menos relacionado a certos jogos de poder. Existe essa possibilidade?**

NS: Eu acho que sim. Nós podemos imaginar formas diferentes de propriedade pública que envolvem tomar essas plataformas das empresas capitalistas. As demandas do capitalismo frequentemente vão contra a construção de uma esfera pública funcional. O Twitter é um ótimo exemplo. Poderia ser um espaço bastante interessante para discussões férteis, mas em vez disso a empresa está concentrada em gerar mais atenção para seus serviços, atraindo mais anunciantes e incentivando interações cada vez mais superficiais.

Esse mesmo movimento acontece em vários lugares e de várias maneiras na internet: *fake news*, *clickbait*, serviços de otimização de buscas, centrais produtoras de conteúdo, por exemplo. Nós, no entanto, podemos imaginar alternativas. Um Twitter de propriedade cooperativa, gerido por usuários, poderia ser uma plataforma social para incentivar comportamentos menos lucrativos, porém mais úteis.



O modelo de *blockchain* abre diversas novas possibilidades para a gestão e propriedade descentralizada dessas plataformas – mesmo que até agora estas existam mais na promoção de seus adeptos do que na forma de algum modelo prático. No entanto, seja qual for a resposta à qual chegaremos, a questão é que precisamos tomar de volta o controle das plataformas digitais desesperadamente, em especial porque elas dominam outras esferas da economia de maneira crescente.

**AG: Você parece estar ciente do uso possível da internet para a manipulação em massa enfatizado por pessoas como Bifo Berardi.**

NS: É inegável que as redes sociais têm manipulado pessoas, mas a real questão é se isso acontece em um grau diferente do que da mídia tradicional. Vejamos a polêmica em torno das *fake news* e sua influência na eleição de Trump nos EUA. Quando olhamos para os dados, percebemos que a maior influência no resultado não foi o Twitter ou redes sociais no geral. Foi, na verdade, o rádio – um meio bastante velho, que é altamente enviesado politicamente e que é ouvido por milhares de pessoas mais velhas. Isso tem influenciado essas pessoas por décadas. O mesmo pode ser aplicado para os tabloides no Reino Unido, também exemplos desse tipo de “velha mídia”. Várias vezes pessoas se apressam em culpar as tecnologias mais novas por nossos problemas, mas muitas vezes esses argumentos não são necessariamente verdadeiros. Eu diria que a influência do 4chan ou das “*meme wars*” foi extremamente pequena nas eleições. São coisas muito mais tradicionais que têm influenciado a ascensão de Trump ao poder.

**AG: Agora, para sair da discussão sobre fenômenos particulares: você diria que o século XX mostrou os limites da política humana, da economia e, possivelmente, do pensamento de maneira mais geral?**

NS: Essa é uma boa pergunta. Em um sentido bastante rudimentar, sim. O tipo de humanismo que não considera não-humanos é, obviamente, completamente obsoleto em uma era de crise ecológica. Da mesma forma, os ideais românticos do humanismo clássico foram esfacelados tanto pelo pós-estruturalismo quanto pela neurociência. Esses ideais ainda servem como ferramentas retóricas, mas enquanto guias políticos precisam ser superados.

**AG: O que isso implica para a prática política na sociedade contemporânea, tendo em vista seu diagnóstico sobre ação direta e formas localistas de política, que, aliadas a um certo humanismo dogmático, não conseguem trazer nenhum tipo de mudança significativa?**

NS: Eu acredito que grande parte disso esteja relacionado com o desenvolvimento de nossas capacidades para pensamento abstrato de longo prazo. Isso é algo que, por exemplo, no início do século XX, foi bastante construído. Você teria algo como um partido de vanguarda, que olharia para a história, determinaria uma direção para onde as coisas estão indo e o papel das classes trabalhadoras em fazer a revolução e inaugurar um novo estágio da história. Essa análise não era necessariamente correta, mas pelo menos priorizava esses elementos que vão além do humano.

Hoje, em sua maioria, não temos essa capacidade de pensar a longo-prazo estrategicamente. O resultado tem sido,

cada vez mais, um foco em táticas e imediatismo, e uma política reativa. Uma maneira de ir além dos limites do humanismo e da fetichização do tático é construir essa capacidade novamente. Eu acredito que essa necessidade fica cada vez mais clara e me parece que há mais esforço em resolver esses problemas, apesar de ainda estarmos em um estágio bastante inicial nesse sentido.

**AG: Esse diagnóstico é impactado por seu “capitalismo de plataformas” de alguma maneira? Se não, o que essa situação econômica impacta em termos de teoria?**

NS: Eu acho que aquilo que chamo de “capitalismo de plataforma” é um dos grandes atores no futuro da política. Se queremos pensar estrategicamente, essas grandes empresas de tecnologia devem figurar em nossas análises. Existem vários impactos na maneira como elas afetam o futuro da política. Um dos maiores é a maneira como elas controlam outras empresas – não apenas por meios econômicos, mas também por meios políticos.

O domínio do Google e do Facebook sobre a mídia tradicional é um exemplo perfeito disso, e para mim é bastante sugestivo do futuro de outras indústrias em relação a essas plataformas. Portanto, o primeiro impacto é a influência das plataformas na competição intracapitalista. Em segundo lugar, é a maneira como essas plataformas influenciam movimentos sociais e política de maneira geral. Jeremy Gilbert escreveu coisas excelentes sobre isso, apontando que assim como o fordismo e o pós-fordismo tornam possíveis certas formas de organização e ação políticas, essas plataformas também permitem novas formas de ação política.

Elas oferecem ferramentas organizacionais e formas de conectividade que nos permitem atuar coletivamente de formas que não eram possíveis 20 anos atrás. Se isso é suficiente ou não para conseguirmos tomar essas plataformas, eu não tenho certeza. Mas estar consciente dessas mudanças materiais é fundamental para se pensar estratégia e ação política hoje em dia.

**AG: Em termos de desenvolvimento econômico simples, o elemento unificador de diferentes tipos de plataforma não parece ser apenas a extração de dados mas também de rendas. Pode ser dito que isso é o retorno da categoria marxiana do “rentista”?**

NS: Eu acredito que algo deva ser dito sobre isso, mas preciso pensar mais se a categoria de renda é a melhor para ser usada nesse sentido. Muitas vezes, aquilo a que nos referimos como “renda” pode significar apenas lucro em excesso. Mas eu acredito que há alguma extração de valor entre essas empresas de plataformas e empresas que não são baseadas em plataformas de maneiras que são bastante interessantes quando pensamos sobre a natureza agregada e a realidade do capitalismo hoje. Penso que essa acumulação massiva de valor pelas plataformas não é muito boa para o capitalismo como um todo. Longe de indicar qualquer tipo de reinvenção do capitalismo, o que observamos é a concentração e centralização do capital nas mãos dos monopólios dessas plataformas. Existem muitas perguntas importantes a serem feitas sobre o que significa esse capitalismo de plataformas. Apesar dessas companhias serem muito celebradas como marcas de progresso, acredito que elas são sintomáticas de um período de estagnação generalizada.

**AG: E quanto a raça e gênero? As identidades dos sujeitos oprimidos também permanecem estagnadas, assim como o sistema no geral, ou elas se modificam nesse capitalismo marcado cada vez mais pelas plataformas?**

NS: De um lado você tem – e isso não é uma novidade no capitalismo de plataforma, mas uma continuação do período neoliberal – uma transferência do trabalho de volta para a estrutura familiar, ainda bastante focada em gênero. Mulheres ainda realizam a maior parte do trabalho doméstico, do cuidado com crianças e idosos e todas as tarefas de reprodução social. O que temos visto nos últimos quatro anos é que essas tarefas têm sido empurradas de volta para a esfera não-assalariada, para dentro das famílias.

Sobre raça, não estou convencido que o capitalismo de plataforma tenha adicionado nada de novo, mas sim modulado diversas hierarquias raciais já existentes através de mecanismos ligeiramente diferentes. Temos, é claro, a ascensão de todos os tipos de algoritmos racialmente enviesados, e a própria forma como o machine learning se baseia em dados sociais significa que muitas das vezes ela transporta esses problemas para sistemas automatizados. Isso pode ser um novo tipo de problema, mas parece ser uma modulação relativamente pequena do racismo, se comparado com a violência perpetrada por ele nos meios mais tradicionais. Onde a raça se intersecciona com o capitalismo digital de maneiras mais significativas é nos efeitos da automação e na produção de sujeitos sem trabalho, muitas das vezes em áreas urbanas racializadas e segregadas. Isso, novamente, não é algo novo, mas pode tomar uma força diferente à medida que o processo de automação avança.

**AG: Retornando para tecnologia: como a “bolha da internet” se reflete nesse fenômeno do capitalismo de plataforma? Essa analogia pode significar uma nova bolha por vir?**

NS: O economista Lawrence Summers tem discutido a significância de bolhas e crises financeiras para o capitalismo moderno. Seu argumento, resumidamente, é: a taxa de equilíbrio de juros é baixa demais para balancear poupanças e investimentos, e a única maneira dessa contradição ser resolvida pelo capitalismo é estimulando dinheiro barato e bolhas financeiras para conseguir crescer de alguma maneira. Ele aponta para a crise do setor imobiliário japonês, a bolha da internet nos EUA, a bolha de títulos governamentais europeus e a bolha imobiliária nos EUA, todas ocorridas nos últimos 20 anos. Olhando para essas bolhas e recessões, ele argumenta que sem eles não teríamos nenhum crescimento nas principais economias capitalistas – eles têm sido essenciais para a sensação de que o capitalismo contemporâneo está “seguindo em frente”. Há algo a ser dito sobre isso.

É claro que temos formas insustentáveis de crescimento econômico, e seria difícil pensar de outra maneira os dados efeitos da expansão monetária e das baixas taxas de juros. No entanto, isso é diferente da “bolha da internet” dos anos 90, já que neste período a meta de várias das startups era serem colocadas no mercado de ações através da abertura de capitais, lucrando por meio da sua oferta pública inicial (OPI) e da valorização exponencial do preço de suas ações. Hoje em dia, no entanto, vemos poucas startups se dirigindo ao mercado de ações para ter lucros (Snap sendo a mais recente entre as grandes), porém a maioria das startups de tecnologia tem se apoiado em capital de risco, permanecendo privadas; com

sorte, após crescerem bastante elas podem ser compradas por empresas grandes como Google ou Facebook. Sucesso, para as empresas de tecnologia de hoje em dia, é ser comprada por uma dessas plataformas monopolistas. Diferentemente, nos anos 90 a bolha da internet era baseada em dinheiro do mercado de ações. Isso tem um grande efeito, já que enquanto muitos dos americanos se envolve no mercado de ações (através de planos de pensões ou outras modalidades de investimento), apenas uma parte ínfima deles se envolve com capital de risco. Nesse sentido, uma recessão nessa nova composição teria um impacto relativamente pequeno, e vale lembrar que o colapso da bolha da internet nos anos 90 foi bastante limitado, pois estava restrito ao mercado de ações e foi auxiliado pelos cortes nas taxas de juros do FED.

**AG: As criptomoedas se encaixam de alguma maneira enquanto futura influência nessas condições de mercado? O bitcoin parece ser um fetiche financeiro agora.**

NS: Eu acredito que ela tem um futuro como uma moeda marginal que serve para algumas funções. Eu não vejo nenhuma maneira em que ela substitua as moedas nacionais. As limitações técnicas de algo como o bitcoin para aplicação em transações diárias em grande volume são bastante significantes. Há também o grande impacto ecológico que vários desses sistemas de *blockchain* trazem consigo, que colocam pesados limites a quão difundidos podem ser. Acredito que a *blockchain* e moedas virtuais no geral podem ser bastante interessantes em termos de uso e possuem um potencial fascinante, mas sou bastante receoso em pensar que elas podem de alguma forma desafiar ou competir com as moedas nacionais de maneira significativa.

**AG: Falando em específico sobre *blockchain*, você enxerga nisso alguma aplicação revolucionária?**

NS: Possivelmente. Preciso pensar mais sobre isso, já que é muito difícil separar o entusiasmo da realidade nesse assunto em específico. Quando sub-celebridades estão vendendo suas próprias ofertas iniciais de moedas (ICO), você sabe que as coisas estão ficando um pouco malucas. Dito isso, há sem dúvida um potencial transformativo em *blockchain*, porém todo esse potencial agora é meramente conceitual, e pouco dele foi mostrado na prática.

**AG: Seria justificado trazer o conceito de hiperstição\* nesse sentido. Junto com o capitalismo de plataforma encontramos novas estruturas como as marcas e o comércio de volatilidade, e ambas questionam nossas concepções clássicas de tempo. Com essa dependência aparente em relação ao futuro, a hiperstição é um fenômeno ou uma ferramenta?**

NS: Penso que seja uma ferramenta. A maneira como Alex e eu formulamos isso em *Inventing the Future* é basicamente enxergá-la como um dos instrumentos através dos quais o progresso não-determinista é formulado e emulado. Isso é um dos desafios que tentamos pensar enquanto escrevemos: como fugir dessas ideias deterministas de progresso? Se você

\* Nota do tradutor: *hyperstition* ou "hiperstição" é um neologismo que junta as palavras *hype* e *superstition* (superstição) para descrever a agência de ideias bem sucedidas. É geralmente empregado para descrever ideias culturais que podem influenciar na construção de uma visão de futuro e marcam a relevância que o *hype* e a especulação tem na cultura capitalista pós-moderna. Inicialmente relacionadas a imagens apocalípticas, hiperstições são "ideias que ao adentrar a cultura geram ciclos de *feedback* positivo" atuando enquanto "catalisadores de mudança e subversão" que se espalham rapidamente e "transmutam ficções em verdade" como ideias que trabalham por sua própria realização. Cf. "Hypervirus". In Land, Nick. *Fanged Noumena*. "Hyperstition", Delphi Carstens, disponível em: <[http://xenopraxis.net/readings/carstens\\_hyperstition.pdf](http://xenopraxis.net/readings/carstens_hyperstition.pdf)>.



abrir mão desses absolutos, isso significa o fim do progresso, nos limitando apenas a um jogo de diferenças? O conceito de hiperstição, diferentemente, implica um senso de direção que orienta a trajetória em algum sentido sem impor um caminho absoluto para a história. É, portanto, uma maneira de conceber o progresso sem se render a alguns problemas clássicos dessa categoria.

**AG: A pergunta que encerra essa entrevista deve ser um pouco mais leve. Porque se tornar um esquerdista hoje?**

NS: A resposta mais simples é que o capitalismo é um sistema elaborado de constrangimento e estagnação ontológica e que podemos construir alternativas muito melhores a ele. Há o argumento esquerdista tradicional baseado em igualdade e justiça, que eu acredito que também seja persuasivo. No entanto, uma pessoa não precisa necessariamente concordar com isso para reconhecer que o capitalismo massivamente restringe nossas possibilidades e nos joga em um ciclo vicioso de acumulação. Nesse sentido, o projeto da esquerda deve ser nos libertar desse ciclo.